Depois de encenada e revista por duas vezes, entrego ao público, em forma definitiva, minha peça *O Casamento Suspeitoso*. Creio que, de todas as que montei, foi esta a mais atacada. Os pontos mais visados eram referentes às minhas repetições e vulgaridades. Disseram, por um lado, que eu estava repetindo tipos e situações já usados no *Auto da Compadecida* e, por outro, que empregara, nesta comédia, mais do que na primeira, meios vulgares e grosseiros de comicidade, além de criar personagens sem sentido.

Quanto a esta última crítica, não posso avaliar até que ponto é justa ou não. Quanto às duas primeiras, porém, tenho algo a dizer: tais críticas partem de uma ideia do teatro e de uma concepção do mundo inteiramente diferentes das minhas, absolutamente inconciliáveis com as minhas. Na invenção de certos personagens, por exemplo, o que fiz foi um processo clássico de recriação de tipos já existentes numa comédia popular, seguindo, no caso, a tradição do Romanceiro Popular Nordestino. No mesmo sentido — se bem que com outra medida, é claro, porque se tratava de dois gênios — Molière e Goldoni recriaram os tipos da comédia popular mediterrânea. Não se preocupou, o primeiro, com o fato de o Sganarelle do Don Juan parecer com o Sylvestre de Les Fourberies de Scapin; de serem semelhantes e terem problemas semelhantes o M. Jourdain de Le Bourgeois Gentilhomme e o George Dandin; de serem seus jovens apaixonados quase iguais; de serem seus criados astutos, Sosie, La Flèche ou Scapin, herdeiros diretos do Arlequim e traçados sob padrões semelhantes de astúcia e simpatia; e assim por diante. Não se incomodou o segundo de escrever peças em que os eram diretamente transpostos da tradição personagens esquemática e fixa, não se dando sequer o trabalho de mudar seus nomes de peça para peça. E assim, toda uma tradição clássica do teatro e da novela. Não se agia desse modo por falta de imaginação — era o que faltava, acontecer isso com Molière, Goldoni ou Shakespeare! —, mas porque aquilo firmava uma tradição e um estilo, valorizava o que já existia na consciência coletiva, aproveitava, com maior solidez, uma arquitetura preexistente e que já recebera, na sanção coletiva, o selo de uma perenidade que só um orgulho muito tolo deixaria de lado em nome da criação exclusivamente individual.

Dizer, assim, que o mundo das Carobas, dos Joões Grilos ou dos Cancões, em que me baseio, é um mundo pobre e que vai me levar para a repetição estéril é, ao mesmo tempo, falta de respeito a algo que é profundamente nosso e, ao contrário do que dizem, muito rico — muito mais do que o teatro contemporâneo, burguês e "erudito" —, e desconhecimento total daquilo que Ortega y Gasset chamou "a realidade mais eficiente do teatro" — a tradição do teatro grego e romano, do elisabetano, do espanhol e francês clássicos, do goldoniano, do alemão oitocentista, enfim, do teatro que considero o grande teatro e que ele opõe ao contemporâneo, "o teatro em ruína", expressão que subscrevo integralmente. Se a tradição popular nordestina é pobre, não o será mais do que, por exemplo, a da Commedia dell'Arte que aqueles gênios renovaram e cujos tipos eram poucos e esquemáticos.

Quanto à vulgaridade dos meios cômicos de que lanço mão, é coisa que não me incomoda absolutamente. Não tenho nenhuma tendência para a finura — pelo menos para isso a que os distintos chamam de finura. Ao humor educado e delicado deles, prefiro o rasgado e franco riso latino, que inclui, entre outras coisas, uma loucura sadia, uma sadia violência e um certo disparate. Depois, vejo os mestres que mais amo manifestarem a mesma preferência que eu, seja no Falstaff, seja no Scapin, por exemplo, este último criticado por Boileau — uma espécie de distinto intelectual da época — por causa da "vulgaridade" da cena em que Scapin dá umas cacetadas em Geronte, enganando-o com a ameaça de pretensos inimigos. Mas é sempre assim: os distintos pensam de um modo e os autores de outro.

Repito assim que, quando aproveito, de um romance popular, a ideia do João Grilo — que apresento em minha peça recriado como tipo e não como transposição direta do mito —, sei perfeitamente o que estou fazendo. Como sei também o que estou fazendo quando recrio do mesmo modo outro

"amarelinho", outro "quengo" (pessoa astuta, sabida), o Cancão, de *O Casamento Suspeitoso*.

A mesma coisa acontece na criação de outros personagens, estes partidos, não mais de uma tradição oral, mas da realidade. O Chicó, do Auto da Compadecida, foi baseado num personagem real, já morto, cujas histórias são conhecidíssimas em Taperoá, pela geração anterior à minha. O mesmo acontece com Manuel Gaspar, baseado num serviçal de minha família, ainda vivo, com o mesmo nome, gago e não muito corajoso, para quem quiser ir ver. Quando juntei o primeiro a um amarelinho astuto (João Grilo) e o segundo a outro (Cancão), sabia que estava incorrendo na incompreensão de toda essa gente. Mas isso não me interessava: o que me interessava era novamente recriar uma tradição do teatro popular, esta circense — a que apresenta sempre ao lado de um palhaço astuto, meio maldoso e valente, um outro, bobo, ingênuo, moralista e covarde. Essa tradição, aliás, corresponde, como sempre acontece com a autêntica, a uma verdade profunda, pois ordinariamente as pessoas astutas, inteligentes, têm um amigo, um empregado, um sócio, um secretário, seja lá o que for, que é mais ou menos a antítese de suas qualidades e a quem elas se apegam com grande amizade temperada de bonomia, ironia e benevolência. Aliás, o professor Enrique Martinez López, na exegese admirável com que honrou o Auto da Compadecida — a mais completa, profunda, compreensiva e erudita que eu podia desejar —, salientou, com enorme agudeza, o fato de que Chicó era o bobo oficial da peça, muito mais palhaço do que o Palhaço. As duas duplas, João Grilo-Chicó e Cancão-Gaspar, são, assim, uma recriação da circense que o povo, com seu instinto certeiro, batizou admiravelmente de O Palhaço e O Besta. Dupla que pode se reencontrar a cada passo na realidade ou na semirrealidade, como aquela formada pelo Homem da Cobra e pelo Secretário, da propaganda comercial popular nordestina; ou no mundo da arte, como o Mateus e o Bastião, do Bumbameu-boi.

Creio que basta como explicação.



Primeiro Ato

Uma sala de casarão sertanejo. Portas para quartos e corredor. Uma grande mala ou um guarda-roupa. Estão em cena Cancão, Gaspar — que é gago — e o juiz Nunes.

Nunes — Mas afinal de contas, por que é que eu fui chamado?

Cancão — Porque a moça quer casar com Geraldo assim que chegar. A mãe disse que não transige nessas questões de moral e que se a filha ficar aqui com o noivo sem casar podem falar dela.

Nunes — Esse casamento é impossível, não se publicaram os proclamas.

Cancão — E se Geraldo abrir o inventário do pai dele? O senhor se lembre que esse inventário é o mais rico, o mais cheio de custas que já apareceu por aqui. Se ele abrir o inventário o senhor dá um jeito para o casamento não ser hoje?

Nunes — Se esse inventário se abrir, Cancão, eu faço o que Geraldo quiser. Mas você não disse que a moça quer casar hoje?

GASPAR — Disse.

Cancão — Mas Geraldo não quer não, quem quer é a moça. É claro que ele não pode dizer isso abertamente, seria uma indelicadeza com a noiva. Mas se o senhor lhe desse o pretexto para não casar hoje, ele ficaria muito grato e abriria o inventário.

ກັບນະs — E qual é o desejo de Dona Guida?

- Cancão É o mesmo de Geraldo, adiar o casamento. É por isso que Geraldo não quer se casar hoje, está com medo de dar um desgosto à mãe.
- Nuxes Mas será que não vou me complicar? Depois de casada, essa moça vai manobrar Geraldo e quem sai perdendo sou eu, que atrapalhei o casamento dela no começo.
- Cancão Faz-se tudo disfarçado. Eu convenço Geraldo e Dona Guida a requererem o inventário e o senhor sai da cidade para avaliar a propriedade que o pai dele deixou. Isso tem duas vantagens: aumenta as custas e o casamento tem de ser adiado porque o juiz está fora.
- Nunes É uma boa ideia, mas eu estou desconfiado. Qual é seu interesse nisso tudo?
- Cancão Doutor Nunes, eu sou amigo de Geraldo!
- Nunes Não diga! Você pensa que eu sou menino, é, Cancão? Ainda mais esse santo aqui! Diga logo: qual é seu interesse?
- Cancão Bem, se o senhor garante segredo... Meu interesse é o inventário. O senhor sabe que Geraldo e Dona Guida têm toda confiança em mim. Pois bem, eu arranjo que eles requeiram o inventário. Mas em troca o senhor vai nomear a mim e a Gaspar como avaliadores nele. Assim, a gente entra também no dinheiro das custas.
- Nuxes Rá, rá! Era isso, hein? Agora sim, estou vendo que suas intenções são boas. Pois pode contar, Cancão: na falta dos proclamas, eu levanto os impedimentos legais e o casamento se adia. Mas Dona Guida sabe que eu só saio da cidade se ela requerer o inventário?

Cancão — Sabe.

Nuxes — Então está combinado. A procuração para meu amigo Sousa já está preparada. Eu como juiz, ele como causídico e vocês dois como avaliadores...

Gaspar — Está organizada a praga de gafanhotos.

ກັບກະຣ — Que tolice, que vulgaridade! Digamos: "A máquina da Justiça está montada!"

Entram Geraldo e Dona Guida. Esta vem numa cadeira de rodas, empurrada pelo filho, com o pé repousando numa forquilha, pois sofre de gota. É surda e usa corneta, para ouvir melhor. Com o pé envolvido de gaze, em bola, anda ainda com uma maleta cheia de dinheiro.

Dona Guida — Cancão, meu filho, como vai você? Que é que está fazendo aí com esse ladrão?

Nunes — Dona Guida gosta de tirar umas brincadeiras com a Justiça!

Dona Guida — Ele já roubou você?

Nunes — Rá, rá, rá! Essa Dona Guida é ótima, diz cada brincadeira...

Cancão — Geraldo, o casamento não pode se fazer hoje, não se publicaram os proclamas. Mas isso tem uma relação enorme com a abertura do inventário de seu pai.

Geraldo — Do inventário?

Nunes — Ah, é, uma relação danada!

Cancão — Dona Guida quer que o casamento seja hoje?

Geraldo — Não, mas fale baixo, você sabe mamãe como é!

Cancão — Não é verdade que sua noiva é a mais interessada no casamento hoje? Por questões de ordem moral?

Geraldo — Bem, eu acho que...

Cancão — Ela não disse isso na carta?

GERALDO — Disse.

Cancão — (Baixo ao juiz.) Então, está tudo claro, não?

Nunes — Claríssimo e tudo está encaminhado. O inventário é nosso!

 $\underline{\mathbf{B}}$ arulho de automóvel.

Gaspar — O carro de Herotides!

Geraldo — Meu Deus, acho que são elas!

Entram Lúcia, Susana e Roberto Fláno. Ele vem com camisa colorida, estampada, óculos e máquina a tiracolo. As duas devem vir vestidas de modo refinado, exagerado, esquisito, ultramoda, de maneira a contrastar o mais possível com a pobreza de Cancão e Gaspar, com a sóbria discrição de Geraldo e Dona Guida e com a pretensão do juiz.

Lúcia — Geraldo, meu Geraldo! (Abraça-o, beija-o e chora de emoção.)

Geraldo — Minha filha!

Lúcia — Desculpe, mas não pude me conter! Há quase um mês que não o vejo!

Susana — Quanta sensibilidade!

Dona Guida — (Impassível, ante a comédia.) Ó Geraldo!

Geraldo — Que é, mamãe?

Dona Guida — Quem é esse vigarista vestido de mulher?

Roberto — Mas Tia Guida!

Dona Guida — Como foi?

Roberto — Eu disse: "Mas Tia Guida!"

Dona Guida — Tia Guida? Geraldo, esse camarada não presta não. Como é que ele pode ser meu sobrinho se eu não tenho irmão?

Roberto — (Cada vez mais amarelo.) É um modo de falar, um modo afetuoso.

Doma Guida — Geraldo, mande esse camarada pra fora daqui, ele não vale nadinha! Como é que ele pode ter afeto por mim se nunca me viu? E essas mulheres? Mande as duas mais para o claro, quero ver a cara delas.

Geraldo — Mas mamãe, é Lúcia!

Dona Guida — Seja quem for, quero ver se elas prestam ou não!

Susana — Guida, minha prima, você não sabe o que este encontro significa para mim! Não tenho mais ninguém no mundo a não ser vocês, e a família para mim era tudo!

Dona Guida — Para mim também, Susana. Mas vocês são minhas parentas mesmo? Eu nunca tinha ouvido falar em vocês.

Susana — Estivemos afastadas tanto tempo... Como vai Tia Madalena?

Dona Guida — Tia Madalena? Você conheceu?

Susana — Conheci, Guida! E então? Como vai ela?

Dona Guida — Morreu, Susana! (Assoa-se.)

Susana — (Chorando.) Minha Nossa Senhora, assim é a vida! E Tia Felicidade?

Dona Guida — Morreu, Susana!

Susama — Mas é possível? Que é que eu faço no mundo sem minha família? E Tio Joaquim?

Dona Guida — Morreu, Susana!

Lúcia — Por favor, não posso mais! Ligada como sou à minha família, fico em tempo de morrer com essas evocações tristes! (Chora.)

Dona Guida — Ó Geraldo, você não tem vergonha de maltratar essas duas santas? Que foi que você fez com elas?

Geraldo — Eu? Nada, mamãe!

Lúcia — Deixemos isso, nós mulheres sofremos tanto que nos entendemos logo ao primeiro contato. Seu filho é o melhor dos noivos e eu já me sinto como filha sua.

Dona Guida — Deus a abençoe.

Cancão — Amém.

Lúcia — Mas Geraldo, você ainda não nos apresentou a seus amigos, tão simpáticos. Eu sou Lúcia Renata, meu primo chama-se Roberto Flávio, aqui minha mãe, Susana Cláudia.

GASPAR — Que estrago mais danado, dois nomes para cada pessoa!

Geraldo — Este aqui é Canção.

Lúcia — Cancão? Mas deve ser muito gostoso se chamar Cancão!

Geraldo — Este aqui é Manuel Gaspar.

Gaspar — Gaspar, para os amigos.

Susama — Mas é muito gostoso isso!

Gaspar — Gostoso, é?

Susana — E então?

Gaspar — (A Cancão.) Se essa mulher for séria eu me dane.

Geraldo — Este aqui é o juiz Nunes.

Lúcia — O juiz? Não, não é possível, você concordou! Geraldo, meu amor, nunca fui tão feliz.

Cancão — (A Gaspar.) Saia de perto, Dona Guida vai estourar.

Dona Guida — Que confusão é esta?

Susana — Foi Geraldo que concordou com o casamento, Guida!

Dona Guida — Com o casamento? E ele não já tinha concordado?

Susana — Com o casamento hoje, Guida.

Dona Guida — Hoje? Sem correr os banhos?

Susana — Para que essas formalidades? Nós não somos da família?

Doma Guida — São, mas casamento desse jeito pra mim é pouca vergonha!

Lúcia — Ah, Geraldo, meu bem, nunca pensei!

Susana — Se Tia Madalena fosse viva...

Dona Guida — Se Tia Madalena fosse viva botava vocês pra fora de casa! E tem uma coisa, vou para meu quarto, porque uma safadeza dessa eu não assisto. (Geraldo vai ajudá-la com a cadeira mas ela o repele.) Vá pra lá!

Nunes — Dona Guida, Dona Guida!

Dona Guida sai empurrando ela própria a cadeira, pelas rodas, e o juiz segue-a. Cancão faz um sinal a Gaspar.

GASPAR — (Saindo no encalço dos dois.) Vou ver se aplaco Dona Guida.

Geraldo — (Aflito.) Não reparem, por favor! Lúcia! Dona Susana! Minha mãe tem esse gênio assim, mas é uma pessoa boníssima! Lúcia!

Lúcia — Não, Geraldo, ela tem razão. Agora, você não me quererá mais e vai pensar que eu sou uma desfrutável!

Geraldo — Mas filhinha, não diga uma coisa dessa!

Lúcia — E afinal, que importa? Para mim, de qualquer modo, é a mais terrível viuvez! Vou terminar meus dias num convento, como irmã de caridade!

Susana — Que amorosidade, que dedicação!

Cancão — Está tudo muito bem, mas o melhor é pensar logo em resolver a história. O problema é todo causado pelo juiz, que inventou essa história de proclama.

Geraldo — Por quê?

Cancão — O que ele quer é o inventário de seu pai. Está louco pelo dinheiro desse inventário e, se você fizer o requerimento, o juiz dá uma certidão de que os proclamas foram publicados e faz o casamento. Assim, Dona Guida não tem mais de que se queixar. Eu já combinei tudo com o juiz.

Lúcia — Mas é muito bom esse seu amigo, Geraldo!

Cancão — O negócio agora é convencer Dona Guida a requerer o inventário, mas Gaspar já está tratando disso. Por que você não vai ajudá-lo?

GERALDO — Eu vou. Cancão, obrigado, se essa história se resolver sem minha mãe se zangar, fico lhe devendo um favor para o resto da vida. (Sai.)

Roberto — Cancão, nós apreciamos muitíssimo o interesse que você está tomando, mas dá pra desconfiar. Que é que você está ganhando nessa história?

Cancão — É que o juiz prometeu me nomear avaliador no inventário e assim eu também entro nas custas.

Lúcia — Ah, era isso, hein? Então está certo, a gente ajuda você nisso e você nos ajuda no casamento. Antes não, mas agora vejo que suas intenções são boas.

Entram Geraldo, Dona Guida, Gaspar e Nunes.

GASPAR — Pode assinar que eu garanto, Dona Guida. A senhora não sabe que eu sou de confiança?

Dowa Guida — Mas eu não assino!

Gaspar — Dona Guida, eu entendo disso, já me casei três vezes!

Susana — Interessante, você se casou três vezes, foi? Deve ser um grande amoroso, não?

GASPAR — Nada, foi coisa da mocidade! Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó.

Susana — Mas coisa triste na vida é ficar no mundo só!

Gaspar — Ai, e a senhora é poeta, é?

Susana — Versejo.

GASPAR — Se essa mulher for séria eu me dane! Como é, Dona Guida, assina ou não assina?

Dona Guida — O que é que você acha, Canção?

Cancão — Sou pela assinatura, Dona Guida.

Dona Guida — Então...

Estende a mão a Geraldo, que faz o mesmo a Nunes. Este entrega a procuração, que Dona Guida assina.

Nunes — Geraldo, queira assinar também. Obrigado. Muito bem, agora a coisa vai. (Cumprimentando.) Geraldo! Dona Guida!

Dona Guida — Eu assinei, mas você é ladrão, viu?

Nunes — Rá, rá, rá! Dona Guida sempre com brincadeira! Está tudo combinado e com o inventário requerido, você pode contar com a Justiça.

Cancão — Para a questão dos impedimentos, não é?

Nunes — Isso mesmo. Geraldo! Dona Guida! Meu caro avaliador! (Sai.)

Susana — Oi, que é isso? O juiz vai embora?

Cancão — Vai vestir aquela batina dele, só faz casamento assim.

Lúcia — Cancão, você é um amor. Não tenha ciúme não, Geraldo, mas esse seu amigo é simplesmente extraordinário!

Gaspar — É minha primeira mulher todinha!

Lúcia — Roberto, meu filho, precisamos agradecer a Cancão.

Roberto — E Tia Guida tão boa, concordando em assinar!

Susana — Estamos muito gratas, muito contentes. (Aproveita para abraçar Gaspar.) Gaspar, você é um amor.

Dowa Guida — Está tudo muito bem, mas ninguém me disse ainda o que foi que veio fazer aqui esse vigarista vestido de mulher!

Roberto — Minha senhora!

Lúcia — Tia Guida, é Roberto, meu primo. Gosto tanto dele! Veja, me diga se uma pessoa que tem esses braços tão puros é capaz de fazer mal a ninguém! Veja os braços dele! Que pureza, que inocência!

Gaspar — Menino, é a finada safada todinha!

Lúcia — Não vá ficar com ciúme!

Geraldo — Eu, minha filha? Que ideia!

Dona Guida — E o casamento religioso?

Cancão — Frei Roque chega já no ônibus de Campina.

Susana — Então vamo-nos preparar. Você não vem?

Roberto — Não, vou buscar o juiz, é mais seguro. (Sai.)

Cancão — Vão se vestir, o juiz chega já e vocês devem terminar tudo do modo mais rápido possível.

Lúcia — *(Com intenção.)* Ah, sim, o mais rápido possível.

Saem Lúcia e Geraldo abraçados, seguidos de Susama. Ruído de carro se afastando.

Gaspar — (Da janela.) Cancão, o carro com o juiz.

Cancão — Pronto, Dona Guida, agora o juiz só pode voltar lá pra meia-noite e o casamento não se faz hoje de jeito nenhum.

Doma Guida — Ave Maria, se Gaspar não me avisa, eu nunca assinaria a procuração. Mas você tem certeza que a moça não presta?

GASPAR — Certeza plena, Dona Guida. Tomei todas as informações que a senhora pediu a meu cunhado, que mora no Recife. A mulher tanto é ruim como não presta. Toda decepada, toda descabriolada... Tem um falaço danado.

Dona Guida — Falaço?

GASPAR — Sim, todo mundo fala dela. Só não pude descobrir se é capiongueira. (Faz o gesto de roubar, para indicar o que é.) Mas isso não faz falta não, porque a mãe é. A filha é a finada safada e a mãe é a finada velhaca todinha. A senhora acha que isso que elas estão fazendo é de mulher séria?

Dona Guida — Na verdade, quem já ouviu falar de casamento assim?

Cancão — Estão é com medo que a gente descubra tudo e querem fazer o casamento logo, para se garantir.

GASPAR — Cancão, pelo amor de Deus, o estouro começou.

Cancão — Que é?

GASPAR — O tal do Roberto Flávio vem ali todo afrontado.

Cancão — Dona Guida, saia, deixe tudo por minha conta.

Dowa Guida sai. Roberto entra, vindo da rua.

Roberto — O juiz saiu da cidade. Que é que quer dizer isso?

Cancão — Eu sei lá! Eu tenho nada com o juiz! Você vá perguntar à mãe dele, que é quem pode saber!

Roberto — Tentei alcançá-lo, mas não existe outro carro na cidade. Agora, tem uma coisa: se eu descobrir que tem gente nos enganando, vocês me pagam! (Interrompe-se e sai arrebatadamente.)

Gaspar — Cancão, eu vou-me embora! Estou em tempo de morrer de medo.

Cancão — Não, precisamos de alguma coisa para dizer a Geraldo. Fique escondido aqui. De acordo com o que eles disserem, a gente faz o plano.

Gaspar — E se eles não vierem?

Cancão — Não se incomode não, que eles vêm me procurar.

Gaspar — E se depois eles não quiserem mais sair?

Caucão — Ah, minha Nossa Senhora! Será possível que eles passem o resto da vida aqui?

Gaspar — A impressão que eu tenho é que vou enfrentar de uma vez só a finada safada e a finada velhaca.

Cancão — Esconda-se, homem de Deus! Assim está bom. Depois, corra e vá me contar tudo.

Gaspar — Se me deixarem com vida, eu vou! Adeus, Cancão, até o Dia de Juízo!

Gaspar se esconde atrás de uma cortina e Cancão sai para a rua. Entram Lúcia, Roberto e Susana.

Lúcia — Fugiram! Mas é possível que tenham tido essa ousadia?

Roberto — Não estou lhe dizendo que o juiz saiu da cidade? Só pode ter sido combinado!

Susana — A culpa foi sua!

Roberto — Minha por quê?

Susana — Todo mundo viu logo que esse agarramento de Lúcia com você não era de primo.

Roberto — E eu tenho culpa de sua filha não poder passar sem mim?

Lúcia — Roberto, mamãe, vamos parar com isso. Que é que adianta discutir? A culpa foi de todos nós. Minha, porque não posso passar sem meu cachorro. Dele, porque veio atrás de mim...

Susana — Pelo dinheiro, por você não!

Lúcia — Olhe o ciúme dela! E então? Quem vale o que ele vale pode ser exigente! Ainda sabe dar aqueles latidos?

Roberto — Au, au, au!

Lúcia — Fico toda arrepiada! Dê mais, um só!

Roberto — Au, au, au!

Lúcia — Não é um amor? É muito gostoso, fico inteiramente louca! Geraldo ainda não sabe de nada e aqueles dois vão me pagar. O amarelo é ruim mas eu tenho mais raiva é daquele gago safado! Ele vai me pagar.

A cortina começa a tremer, Roberto vai lá e levanta-a cuidadosamente. Gaspar está de costas, com a cara na parede, e não vê que foi visto. Roberto baixa de novo a cortina, tirando o cinturão.

Roberto — Ah, vai. Sabe o que eu faço se pegar os dois? Tiro assim o cinturão e passo nas costas dele. (Dá em GASPAR.)

Lúcia — Passa mesmo?

Roberto — Passo, mesmo assim. (*Idem.*) E se ele reagisse, aí eu dizia: "Tome, tome, tome, tome, safado. Isso é para não estar se metendo a besta pra meu lado!"

Lúcia — É melhor aguardar, talvez até estejamos acusando os pobres sem motivo! Vamos terminar de nos vestir.

 \underline{F} azem uma falsa saída. \underline{G}_{ASPAR} sai do esconderijo, esfregando o espinhaço, e corre para a rua. Os três voltam.

Roberto — Então?

Lúcia — Agora não há mais dúvida. É preciso dar uma lição nesses dois.

Susana — Eles já tomaram a dianteira. Agora, ainda por cima, vão contar a Geraldo tudo o que Gaspar ouviu. E você com suas histórias de cachorro e de latido!

Lúcia — Deixe tudo por minha conta. Em primeiro lugar, vamos acabar o lugar do crime. Ajudem-me a tirar esta cortina. Isto. Que mais, meu Deus? Ah, sim: você trouxe filme na máquina?

Roberto — Trouxe, sim.

Lúcia — Fique escondido atrás do oratório daquele quarto e fotografe o começo do que assistir. Só o começo, viu? Você vai?

Roberto — Vou.

Lúcia — Faça isso e o dinheiro será nosso. Seu, porque diante de você eu não tenho vontade.

Roberto — Está bem, mas tenha cuidado. Ou esse casamento dá certo ou estamos desgraçados. O dinheiro está a ponto de se acabar. (Sai.)

Susana — Lúcia, minha filha, é o negócio do retrato?

LÚCIA — É.

Susana — E Roberto vai ver? Isso não fica bem, afinal de contas nós temos nossos princípios!

Lúcia — Ih, mamãe, isso é hora de falar em princípios? Roberto não tem essas besteiras não!

Susana — Mas não sei se será aconselhável você se cansar. Afinal de contas são dois, Cancão e Gaspar.

Lúcia — Ah, o que você quer é se encarregar de Gaspar.

Susana — Não está vendo que eu não posso deixar você fazer esse sacrifício sozinha? Que mãe você pensa que eu sou?

Lúcia — Está bem, Gaspar fica por sua conta. Vai ser uma novidade, hein? Tão rústico! Mas saia, Geraldo vem aí.

Susana sai. Entra Geraldo, e Lúcia começa a chorar, fingindo que não o vê.

Geraldo — Então está tudo pronto? Que é isso? Está chorando, meu bem? Que é isso?

Lúcia — Que é isso! Coitado, tão inocente, tão cheio de boa-fé!

Geraldo — Eu? Que há?

Lúcia — É melhor você não saber.

Geraldo — Foi alguma coisa que eu fiz?

Lúcia — Que mal podia me fazer o melhor e mais amado dos noivos?

Geraldo — Então foi minha mãe?

Lúcia — Sua mãe é uma santa, que mal podia me fazer?

Geraldo — É, mas como ela ficou contra o casamento...

Lúcia — Casamento? Que casamento?

Geraldo — Mas meu bem! O nosso, é claro!

Lúcia — Meu Deus, como é que se tem coragem de trair uma inocência dessa! Não vai haver casamento nenhum, querido. Tornaram nosso casamento impossível.

Geraldo — Tornaram? Quem foi?

Lúcia — Seus dois amigos, Cancão e Gaspar.

Geraldo — Não é possível!

LÚCIA — Está vendo? Eu sabia que minha palavra valia menos do que a deles.

Geraldo — Sua palavra é tudo para mim, meu amor. Mas o que foi que eles fizeram?

Lúcia — Tiraram o juiz daqui de Taperoá, ele saiu de repente no mesmo carro em que nós viemos. Foi avaliar sua propriedade, Roberto soube.

Geraldo — É para aumentar as custas, ele faz isso em todo inventário.

Lúcia — Todo mundo sabe disso em Taperoá? Desse costume do juiz?

GERALDO — Sabe.

Lúcia — Quem aconselhou você a requerer o inventário?

Geraldo — Canção.

Lúcia — Você vê agora o plano? Ele aconselhou você a requerer para tirar o juiz e impedir assim o casamento.

Geraldo — Mas com que interesse Canção iria fazer isso?

Lúcia — Você sabe que o juiz prometeu nomeá-lo avaliador, caso ele aconselhasse você a abrir o inventário?

Geraldo — Não é possível!

Lúcia — Não é possível! Como foi que o juiz se dirigiu a Cancão na hora de sair?

Geraldo — Meu caro avaliador!

Lúcia — Está vendo?

Geraldo — Mas é possível que meus melhores amigos... Gaspar também está metido nisso?

Lúcia — Claro, também vai ser nomeado!

Geraldo — Mas Canção e Gaspar, logo eles!

Lúcia — E você não sabe o pior de tudo, meu amor.

Geraldo — Pior ainda?

Lúcia — Não, é melhor não dizer nada, você tem um gênio tão esquentado!

Geraldo — Não, agora quero saber tudo!

Lúcia — Você promete não perder a cabeça?

Geraldo — Sei lá! Que foi?

Lúcia — Não sei se você reparou, mas desde que cheguei os dois ficaram me olhando de um jeito... Toda vez que eu cruzava as pernas ou ficava de costas...

Geraldo — Canalhas!

Lúcia — Pode ter sido engano meu, mas por segurança comecei a tratá-los à distância. Nessas coisas é bom não facilitar. Eles sentiram a história e, por vingança, resolveram me prejudicar junto a você. Resolveram... Não, não digo, é uma coisa tão baixa que eu...

Geraldo — Diga, meu bem, você está acima destas coisas!

Lúcia — Mamãe ouviu os dois dizendo que vão me caluniar.

Geraldo — Caluniar? Como?

Lúcia — E eu sei? Mamãe não quis me dizer do que se tratava direito, para não ferir minha inocência! Era uma coisa horrível, uma história dum cachorro, duns latidos... Parece que era para dizer a você que eu era mesmo que uma cachorra!

Geraldo — Meu Deus, é possível tanta maldade?

Lúcia — Eles combinaram de dizer que eu traía você com Roberto. Combinaram de dizer que Gaspar tinha me espreitado por trás de uma cortina, aqui. E a sala nem com cortina está, veja!

GERALDO — Meu Deus! Mas fique descansada, amor, não chore mais! Assim que o juiz voltar, seja a que hora for, o casamento se faz e é de qualquer jeito! E eu não quero ver esses dois nunca mais!

<u>Lúcia</u> avista <u>Cancão</u> e <u>Gaspar</u>, que vêm chegando, abraça <u>Geraldo</u> e leva-o para o lugar da cortina, cobrindo a falta da vista dos dois.

Lúcia — Meu bem, são eles. Ah, você vem aí, Cancão. Veja, meu filho, como eles vêm contentes! E têm razão, conseguiram o que queriam!

Cancão — Como é?

Lúcia — Geraldo já sabe tudo, pode falar sem medo. Vocês tiraram o juiz da cidade e tornaram nosso casamento impossível!

Cancão — (Inocente.) Ai, e o juiz saiu, foi?

Lúcia — Pode tirar a máscara e deixar a hipocrisia de lado. Já se sabe tudo, a história das avaliações, sua mentira, tudo! Todos nós sabíamos que você é pobre, Cancão. Mas precisava fazer essa traição com Geraldo, que nunca lhe fez mal?

Cancão — Traição, eu?

Lúcia — Sim, você! E por causa de dinheiro! Que coisa triste e feia!

Cancão — Mas espere, eu é que vim denunciar uma traição!

Lúcia — Fale, minta, calunie, diga o que quiser! Geraldo já sabe que você estava combinado com o juiz para enganá-lo. Você não se deteve diante de nada, viu o dinheiro na frente e ficou cego!

Geraldo — É verdade isso, Canção? Eu mal podia acreditar!

Lúcia — É claro, confiante e bom como é! Mas isso é uma coisa que brada aos céus e a justiça de Deus pode tardar mas vem!

Geraldo — Como é? Você não diz nada?

Cancão — Que é que posso dizer?

Geraldo — A história da avaliação é verdade?

Cancão — É.

Geraldo — Você disse ao juiz que eu queria adiar o casamento?

Cancão — Disse.

Geraldo — E me disse que ele só faria o casamento se eu abrisse o inventário, não foi?

Cancão — Foi.

Geraldo — E por que tudo isso?

Cancão — Para evitar que esse bando de vigaristas tomasse o que é seu! Para evitar seu casamento com essa desgraça que está aí! Lúcia — Ai, Geraldo, meu amor, eu não lhe disse?

Cancão — Veja esse choro: não há quem diga que é de propósito. Mas essa mulher é a praga pior que já pisou em Taperoá. Não pense que eu sou idiota não, Dona Lúcia! Eu saí, mas deixei Gaspar escondido aqui e ele ouviu tudo!

Gaspar — Ela é amante desse primo que veio com ela do Recife. Eu ouvi.

Lúcia — Você ouviu?

Gaspar — Ouvi. Os latidos, a história do cachorro, a cachorrada toda!

Geraldo — Que história absurda é essa?

GASPAR — Eu não entendi direito não, Geraldo, só ouvia era os latidos e ela dizendo: "Fico toda arrepiada!"

Cancão — Você olhe que Gaspar foi casado três vezes. Pois mesmo assim nunca tinha ouvido falar nas coisas que ouviu, escondido aqui.

Lúcia — Mas escondido onde?

Cancão — Aqui, atrás da cortina. (Boquiaberto.) Onde está a cortina?

Lúcia — Eu é que pergunto: como é que Gaspar ouviu isso por trás de uma cortina que não existe?

Cancão — Mas Geraldo, tinha cortina!

Geraldo — Não quero ouvir mais nada, não sou idiota não! Nunca ouvi tanta mentira em minha vida! Vou sair, para que vocês saiam de minha casa! Não quero vê-los nunca mais! (Sai.)

 $\underline{\mathcal{E}}$ ntra $\underline{\mathbf{Susana}}$, como quem estava ouvindo.

Lúcia — E assim, meu caro Cancão, sua manobra falhou. Amanhã, se tiver coragem, venha assistir a meu casamento. Ao civil, pois quando esse tal de Frei Roque chegar, vou convencer Geraldo a se casar ainda hoje no religioso, para me garantir. Aprenda e nunca mais se meta para o meu lado, porque eu sou mais astuciosa do que você.

Cancão — Que é que se pode fazer? Assim é a vida, Dona Lúcia.

Lúcia — E tudo isso sem necessidade! Comigo, você só teria a ganhar, eu estava achando você tão simpático!

Cancão — A simpatia era mútua, Dona Lúcia.

Lúcia — Você simpatizou comigo?

Cancão — Muito, desde que a senhora chegou.

Susana — Então só tendo sido coisa feita, porque eu também, assim que cheguei, simpatizei logo com Gaspar.

Gaspar — Pronto!

Lúcia — E você jogar fora essa oportunidade! Geraldo, do jeito que é, não desconfiaria de nada. E tudo ficaria tão animado, não era?

Cancão — (Fascinado, a despeito de si.) Era!

Lúcia — Digo isso com inteira convicção, porque desde que cheguei que vi os olhos que você botava para minhas pernas.

Cancão — Eu?

Lúcia — Ih, como ele ficou envergonhado! Tão puro! Não precisa ter vergonha nenhuma, Cancão, é natural isso. Nos lugares mais adiantados ninguém liga, não é, mamãe?

Susana — (Fascinando Gaspar.) Claro, claro!

Lúcia — Você não olhou? Me diga mesmo! Pode olhar, isso é assim mesmo!

Cancão — (Num apelo e num aviso.) Geraldo!

Lúcia — Quer saber do que mais, Cancão? Aproveite! Com Roberto aqui e com este sangue que eu tenho, Geraldo vai passar por isso de qualquer maneira! Assim, aproveite, que sua vez é essa!

Cancão — Geraldo!

Lúcia — (Abraçando Cancão.) Ai, meu Deus, uma cobra!

Susana — (Abraçando Gaspar.) Ai, Gaspar, me acuda!

Cancão — (Absorto.) A cobra?

Gaspar — Ah, sim, a cobra!

Cancão — Que é que tem a cobra?

Lúcia — Uma cobra ali! Ai, Cancão, tenho horror a cobra!

Cancão — Ah, sim, a cobra!

Lúcia — Não é uma cobra não, mamãe? Parece que não. Meu Deus, pensei que fosse! Que coisa horrível, meu coração está batendo que é uma coisa horrorosa! Veja!

Cancão — A cobra?

Lúcia — Não, meu coração! Não fico mais aqui de jeito nenhum, vou para meu quarto. Você me acompanha, Cancão? Não tenho mais coragem de ficar só naquele quarto escuro, horroroso. Venha comigo. Você vem?

Cancão — Vou. (Num último apelo, enquanto se atira no abismo.) Geraldo!

Entram no quarto. Clarão de retrato. ROBERTO entra, muda a lâmpada e o filme, sem que GASPAR o veja, e desaparece no outro quarto.

Susana — Coitada de minha filha, ficou tão nervosa!

Gaspar — Isso passa, isso passa, Dona Susana!

Susana — E nós? Pau seco não dá embira, nem corda velha dá nó?

Gaspar — Ai, coisa triste no mundo é ficar na cama só!

Susama — (Abraçando-o.) Não é possível, você ainda se lembra. É o amor! Meu Gaspar!

GASPAR — Dona Susana, quais são suas intenções? Olhe que eu já fui casado três vezes!

Susana — O que se perde no tempo ganha-se na experiência.

Gaspar — Menino, é a finada velhaca todinha!

Susana — A essas horas seu amigo deve estar acalmando Lúcia. Que é que você está esperando?

Gaspar — Dona Susana, mostre o caminho, que por onde a senhora for, eu vou.

Segue Susana como uma virgem de tragédia. Roberto aparece diante do público e tira o retrato, com clarão e tudo. Entra Lúcia, logo seguida de Cancão.

Lúcia — Muito bem, Roberto, você foi um amor. Prezado Cancão, quero lhe comunicar que você agora está em minhas mãos. Roberto fotografou a cena que você teve a gentileza de proporcionar. (Entram Gaspar e Susana.) Seu querido amigo, aqui presente, foi também devidamente fotografado. Qualquer tentativa de impedir o casamento, eu mostro o retrato a Geraldo.

Cancão — (Novamente espantado pelo gênio de Lúcia.) Essa mulher é o cão!

Lúcia — Obrigada!

Cancão — Mas tem uma coisa, Geraldo não vai gostar nada de ver a noiva dele fazendo o que a senhora fez.

LÚCIA — No começo eu não fiz um esboço de reação?

Cancão — Fez.

GASPAR — Dona Susana fez o mesmo comigo.

Lúcia — Foi essa parte que Roberto fotografou: "Duas mulheres indefesas resistindo aos assaltantes de sua honra!" A outra parte ficou entre nós. Mamãe, como se foi?

Susama — Para falar a verdade, vocês não deram tempo, tive que ficar na reação.

Lúcia — Que espírito de sacrifício, poucas mães teriam tanto! Você vem comigo?

Roberto — Vou.

Lúcia — Então, adeusinho. E sejam felizes. (Sai com ROBERTO.)

Susana — Gaspar, lamento. Mas nós vimos você na cortina: você tremeu um pouco e isso descobriu o jogo de vocês.

Cancão — Eu sabia que você tinha feito alguma besteira!

Susana — Agora, além do mais, essa pressa. Lamento, Gaspar, lamento muito!

Gaspar — Eu mais ainda, Dona Susana!

Susana — Mas nestas circunstâncias, você compreende, nós não podemos facilitar. Enfim... Até loguinho! (Sai.)

Cancão — Então?

Gaspar — Então o quê? O sabido não é você?

Cancão — Mas você tremer numa hora dessa, homem?

GASPAR — E você não sabia que eu era frouxo? Por que me botou no fogo? Eu nunca contei vantagem, o valente é você! Mas quando chega o aperto, corre, quem fica de vigia sou eu! Eu que fique atrás da cortina, eu que leve as lapadas...

Cancão — É verdade, desculpe, companheiro. Quantas lapadas levou?

Gaspar — Sei lá, bem oito!

Cancão — Não se incomode não, vamos devolver uma por uma.

GASPAR — Você não se dá por vencido, não?

Cancão — De jeito nenhum!

Gaspar — E os retratos?

Cancão — Essa mulher é o cão, mas se você promete me ajudar...

Gaspar — Eu não prometo nada.

Cancão — Você vai abandonar Geraldo nas garras dessa peste?

Gaspar — Ele não me botou pra fora de casa?

Cancão — Você precisa levar em conta que com essa mulher não há quem possa!

Gaspar — Homem, a tirar pela mãe, é mesmo. Que é que você vai fazer?

Cancão — Vou ver se tenho uma conversa com Frei Roque, pra dar um jeito no casamento religioso de Geraldo.

GASPAR — Rapaz, Frei Roque é um santo, mas é duro que Ave Maria! É preciso cuidado, Cancão, a gente vai topar Frei Roque e minhas três mulheres de uma vez só.

Cancão — Por que você diz isso?

Gaspar — Porque a filha eu não sei, quem foi com ela foi você. Mas a velha, pelo menos até onde eu pude ir, é uma mistura da finada safada, da finada velhaca e da finada cachorra da molest'a. (Saem.)

FIM DO PRIMEIRO ATO.



Segundo Ato

A mesma sala do primeiro ato. Entram Cancão, Gaspar e Frei Roque. Este fala com pronunciado sotaque estrangeiro.

Cancão — Quer dizer então que São Francisco era ali na exata, não era, Frei Roque?

Frei Roque — São Francisco foi o santo mais na exata da Igreja Católica. Mas onde está Geraldo, que você ainda não disse?

Cancão — Mas era homem virtuoso mesmo?

Frei Roque — São Francisco foi o homem mais virtuoso da Europa.

Cancão — Era caridoso? Dava muita esmola?

Frei Roque — Ah, num dia só dava mais esmola do que a Europa toda em dez anos.

Cancão — Mas era homem de coragem?

Frei Roque — De coragem?

Cancão — Sim, era homem valente?

Frei Roque — São Francisco foi o santo mais valente da Igreja Católica.

Cancão — Mas era homem para quebrar a cara dum?

Frei Roque — Cancão, São Francisco era homem para o que desse e viesse!

Cancão — Como é que o senhor sabe?

Frei Roque — E como é que você não sabe?

Cancão — Eu não acredito nessas coragens escondidas não, sabe, Frei Roque? Se ele tivesse sido macho mesmo, a gente terminava sabendo. Pelo menos uma cara ele teria quebrado.

Frei Roque — Ó Canção, sabe do que mais? É capaz dele ter quebrado!

Cancão — Frei Roque!

Frei Roque — Eu não tenho certeza não, mas antes de ser santo é capaz dele ter quebrado aí a cara de algum safado.

Cancão — Ai, e ele não foi santo logo não?

Frei Roque — São Francisco? São Francisco foi o maior desordeiro da Europa. E é bem possível que nesse meio algum desordeiro tenha se metido a besta para São Francisco e São Francisco pegava o cabra assim pela gola e dizia: "Desordeiro, você agora vai ver quem é São Francisco!" (Agarra Gaspar e vai demonstrando com ele.) E metia-lhe a tapa na cara! Abria a mão assim e lapo!

Gaspar — Ai, Frei Roque!

Frei Roque — Pegava o sujeito assim, fechava a mão lá dele e lapo.

Gaspar — Ai, Frei Roque! Assim eu morro!

Frei Roque — Está aí, viu? Isso é pra não se meter a besta e não querer desmoralizar os santos da Igreja Católica!

GASPAR — Mas o que foi que eu fiz, pelo amor de Deus?

Frei Roque — Oh, Gaspar, como é que vai? Você estava aí, meu filho? Como vai?

Gaspar — (De mau humor.) Bem. Está com a gota serena, é?

Cancão — Ó Frei Roque! E dedicado? São Francisco era muito?

Frei Roque — São Francisco foi o santo mais dedicado da Igreja Católica.

Cancão — Confessou muito? Deu muita extrema-unção?

Frei Roque — Com aquela atividade dele, deve ter dado mais extrema-unção do que todos os outros santos da Europa, juntos.

Cancão — Acho que São Francisco era incapaz de se recusar a atender um chamado para dar extrema-unção.

Frei Roque — Também acho, Cancão. Podia ser longe como fosse, São Francisco ia.

Canção — De carro?

Frei Roque — E tinha carro naquele tempo? Ele ia era a cavalo. E lhe digo mais: São Francisco gostava tanto de fazer sacrifício que era capaz de ir a pé. Mas que interesse por São Francisco é esse de repente? Foi me esperar na chegada, haja pergunta, não me deixa procurar Geraldo... Que é que há?

Cancão — Eu fui esperar o senhor a mando desse Roberto Flávio que veio com a noiva de Geraldo. É para dar uma extrema-unção, Frei Roque.

Frei Roque — Mas agora, Canção?

Cancão — Assim ele mandou dizer.

Frei Roque — E onde é?

Cancão — Daqui a cinco léguas, perto do Pico.

Frei Roque — Nossa Senhora, no Pico, Cancão? Mas eu cheguei de Campina agora, são mais de vinte léguas!

Cancão — Foi o que eu disse. Mas Roberto Flávio fez questão de transmitir o chamado. Fiquei até espantado, porque parece que ele não liga nada à religião.

Frei Roque — Está-se vendo, um miserável desse! E onde está o carro?

Cancão — Frei Roque, o carro de Herotides foi levar o juiz para uma diligência.

Frei Roque — E como é que eu vou?

Cancão — Foi o que eu disse, mas Roberto Flávio aconselhou o rapaz a alugar um cavalo para o senhor.

Frei Roque — Mas minha Nossa Senhora, cinco léguas a cavalo, na boca da noite, depois de vinte no ônibus de Salustino?

Cancão — Eu disse que era absurdo, mas Roberto Flávio garantiu que isso não era nada para um filho de São Francisco.

Frei Roque — Não é nada! Não vê que quem vai é pobre de Frei Roque?

Cancão — Quer dizer que o senhor não vai não? Acho que não vale a pena mesmo não, um defunto safado, desse de pé-de-serra...

Frei Roque — Ah, Cancão miserável, falando da defuntência dos outros mais pobres do que ele! Pois agora eu vou, sabe? Mas vou da raiva em que estou, está ouvindo? Onde está o cavalo? Pelo menos essa desgraça presta?

Cancão — É Pelo-Fino, Frei Roque.

Frei Roque — Pelo-Fino? Não diga, Cancão! Sabe que essa extrema-unção vai ser até animadinha? Só estou com pena por causa do pobre do defunto.

Cancão — É mesmo, a morte é tão ruim, não é, Frei Roque?

Frei Roque — Sei não, Cancão, eu nunca morri... A morte pode ser ruim mas a galopadinha vai ser boa. Você sabe quem é o defunto?

Cancão — É Severino Emiliano, Frei Roque. Seus paramentos estão aqui.

Frei Roque — Então me dê, obrigado. E com a vontade que eu estou de dar uma galopada, Pelo-Fino que se aguente. Adeus, Gaspar. Adeus, Cancão.

Cancão — Até logo, Frei Roque, Deus o leve. (Sai Frei Roque.) Só um santo mesmo! Cinco léguas a cavalo numa hora dessa! É um santo!

Gaspar — É, mas quando esse santo descobrir a mentira! Por que você inventou essa confusão toda?

Cancão — Com a história do suplente, o casamento civil de Geraldo pode se fazer. Mas com Frei Roque fora, quero ver como é que essa mulher casa com ele no religioso.

Gaspar — Nossa Senhora! Cancão, você vai se meter no inferno! E termina me levando também! Agora, ainda por cima, Dona Guida vai ficar contra nós.

Cancão — Nada! Você trouxe o alicate que eu pedi?

GASPAR — Trouxe. Você vai arrancar os dentes de Dona Guida, é?

Cancão — Ainda mais essa, esse Gaspar tem cada uma! Arrancar os dentes de Dona Guida, pra quê?

Gaspar — Na dor, ela se distraía por ali e deixava a gente de lado.

Cancão — E como é que eu ia convencer Dona Guida a arrancar os dentes?

Gaspar — É mesmo. O que é que você vai fazer?

Cancão — Vou cortar o fio da luz aqui. Já está escurecendo e daqui que descubram onde é o defeito, tenho ambiente para fazer o que quero. Deixe tudo a meu cuidado.

Corta o fio; a luz baixa. Os dois se retiram a um canto. Entram Lúcia, Susana e Roberto, com um candeeiro.

Lúcia — A luz está no fim, que foi? Quem está aí? Quem é?

Cancão — É Cancão, Dona Lúcia, Cancão e Gaspar.

Lúcia — Se Geraldo encontrar vocês... Vieram impedir o casamento de novo? Você não conseguirá nada. O frade chegou: eu convenci Geraldo a casar no religioso ainda hoje e o civil será amanhã, quando o juiz chegar.

Cancão — Dona Lúcia, Frei Roque chegou mas saiu da cidade para fazer uma extrema-unção.

Susama — Miserável! Foi você!

Cancão — Eu vim propor um negócio: com o retrato, o casamento de Geraldo é coisa resolvida. Assim, quero ver se pelo menos volto a ser avaliador, porque Geraldo me demitiu. Só quem sabe onde está Frei Roque a essa hora sou eu. Mas é um lugar perto da cidade. Se entrarmos num acordo, eu faço o casamento ainda hoje, tanto o civil como o religioso.

Lúcia — Como, se o juiz também saiu?

Cancão — Só digo se a senhora arranjar a avaliação e minha reconciliação com Geraldo.

LÚCIA — Estou com medo de seus negócios, Cancão.

Cancão — Com o retrato, não há nada a temer.

Lúcia — Vocês o que é que acham?

Roberto — Sou pelo acordo. O dinheiro está no fim e, se o casamento for feito hoje, estamos garantidos.

Lúcia — Pois venha de lá esse acordo. Como é que se faz o casamento civil?

Cancão — Com o suplente do juiz, Fragoso.

Lúcia — E existe isso aqui?

Cancão — Existe. Está meio adoentado, levou uma queda de cavalo e está com o rosto enfaixado, mas se a gente der dinheiro a ele, vem.

Lúcia — Eu quero uma garantia, Canção.

Cancão — A garantia será dada por eles, Frei Roque e o suplente. A senhora me reconcilia com Geraldo?

Lúcia — Reconcilio, mas a avaliação eu só arranjo depois do casamento. Com você eu não facilito mais. E tem uma coisa: os retratos estão aqui.

Cancão — É o primeiro retrato que tiro na vida. Eu fiquei até bem. Gaspar é que é feio que só a peste! Ave Maria, parece um cavalo. Está bem, Dona Lúcia, estamos entendidos. Gaspar, vá buscar o suplente. (Sai GASPAR.) O juiz fica indignado quando o suplente Fragoso faz casamento na ausência dele, por causa das custas. Mas eu disse que Dona Lúcia pagaria as custas no dobro, uma para o suplente, outra para o juiz. Com o casamento civil feito, vou buscar Frei Roque.

Lúcia — O frade não interessa. Mas como Geraldo faz questão, vou me submeter àquela encenação. Saia, ele vem aí, vou preparar o terreno.

Cancão — Prefiro ficar, quero ouvir o que a senhora diz.

Lúcia — Que homem desconfiado! Está certo, fique aí. (A GERALDO, que vem entrando com Dona GUIDA.) Geraldo, estou tão feliz! Você não pode imaginar o que aconteceu.

Geraldo — Que há?

Lúcia — Cancão está arrependido do que fez conosco e veio se desculpar.

Geraldo — Não, minha filha, não quero ver Cancão nunca mais. Trair-me daquela maneira!

Lúcia — Você deve levar em conta a situação em que seus amigos vivem, meu filho. Quem vive como eles não pode ter os padrões morais de nossa classe.

Geraldo — E além de tudo o atrevimento de estar olhando para você como ele fez!

Lúcia — Meu filho, o pobre me explicou tudo, a culpa foi minha. Ele não estava habituado a ver gente vestida assim e ficou olhando. Eu, que não esperava isso, fiquei pensando que era má intenção. Coitado, ele ficou tão agoniado!

Geraldo — É verdade?

Lúcia — O que acontece é que eu sou muito zelosa nessas questões e às vezes me excedo um pouco. Fiquei de coração apertado por ter causado essa separação entre você e seus amigos. E ele nos fez um favor tão grande para mostrar seu arrependimento...

Geraldo — Que foi?

Lúcia — Frei Roque já chegou. Sabendo disso, Cancão foi procurar o suplente do juiz.

Geraldo — Fragoso! Mas ele está de cama.

Lúcia — Ele prometeu que vinha. Eu acho esse casamento assim dividido tão sem jeito... Tudo podia se resolver ainda hoje, o civil e o religioso, dependendo, é claro, de você e de Tia Guida.

Geraldo — E onde está Canção?

Cancão — (Avançando.) Aqui, Geraldo.

Dona Guida — Que é isso? O que é que estão combinando desde hoje?

Cancão — Dona Guida, não se zangue comigo não.

Dona Guida — Ouvi dizer que você estava combinando com aquele ladrão para roubar Geraldo, é verdade?

Cancão — É, Dona Guida.

Dona Guida — Nunca eu poderia acreditar, se outro me dissesse. E o que é que você está combinando aí, ladrão?

Cancão — Pronto, entrei nas brincadeiras do juiz! (Alto, a Dona Guida.) Estou aqui dizendo que arranjei o casamento de Geraldo ainda hoje.

Dowa Guida — De novo? Sem os banhos?

Cancão — Fica tudo regularizado, Dona Guida. O suplente vem fazer o casamento.

Dona Guida — Fragoso? Outro ladrão, igual ao juiz e a você. E descobri mais essa: você, além de ladrão, é safado!

Cancão — Dona Guida sempre com brincadeira!

Dona Guida — Brincadeira! Quem é a favor desse casamento é safado!

Geraldo — Mamãe!

Lúcia — Não, Geraldo, é melhor que você saiba logo. Ela me humilha assim porque eu sou pobre. Tia Guida pensa que o que eu quero é seu dinheiro.

GERALDO — Ah, dinheiro amaldiçoado! Não está vendo que mamãe não ia pensar isso, meu amor?

Lúcia — Não ia! Todos os atos dela indicam isso!

Dona Guida — O que é que os meus atos indicam? Fale aí, cabrita malcriada!

Geraldo — Mamãe, isso também é demais!

Dona Guida — É demais? Pois vá. Faça seu casamento, aja como quiser, eu não estou me incomodando mais com nada. Quando terminarem, avisem: eu quero sair de casa. Quando se arrepender, também, mande dizer. Porque aí eu quero voltar. (Sai.)

Geraldo — Mamãe...

Lúcia — Meu Deus, como fui mal interpretada! Ela falou em arrependimento, em abandono... Quem sabe? Talvez fosse melhor nós acabarmos este casamento!

Geraldo — Mas meu bem!

Lúcia — Ela suspeitará sempre de mim. Você prefere acabar?

Geraldo — Não, nunca! Mas isso de mamãe passa!

Lúcia — Passará mesmo, Geraldo? Não sei. Mas, para evitar qualquer suspeita, nós nos casaremos com separação de bens.

Geraldo — Lúcia!

Lúcia — Se você não aceita, prefiro romper!

GERALDO — Então está bem. Envergonho-me do que minha mãe fez! Mas se houvesse um jeito dela concordar...

Cancão — Frei Roque concorda e Dona Guida assina em cruz tudo o que ele diz. Deixe por minha conta que eu ajeito isso, Geraldo.

GERALDO — Agora sim, estou vendo de novo meu velho Cancão. Venha de lá esse abraço!

Cancão — Vá dizer a Dona Guida a opinião de Frei Roque. Diga que o frade chega já para confirmar tudo. E venha, que Fragoso não tarda.

Geraldo — Está bem. (Sai.)

Cancão — Muito bem, Dona Lúcia, agora a avaliação.

Lúcia — Primeiro o casamento. Ruim foi essa separação de bens, mas era preciso impressionar o rapaz.

Cancão — A gente dá um dinheirinho ao suplente e, no contrato, em vez de "separação de bens" ele bota "comunhão de bens".

Susana — Mas quando se fizer a leitura, Geraldo notará.

Cancão — Geraldo não presta atenção a nada, Dona Lúcia ajeita isso, com um daqueles abraços de cobra.

Roberto — Mas quanto teremos que dar?

Cancão — Mil, eu acho que dá.

Lúcia — Quanto ainda lhe resta, mamãe?

Susama — Duzentos e cinquenta.

Lúcia — Roberto tem seiscentos que eu dei a ele. Você acha que dá?

Cancão — Vamos ver, nessas coisas a Justiça não transige. E aí vem Fragoso, juiz de Direito na ausência do titular, substituto de tabelião, fanhoso, gago e comerciante de miudezas nas horas vagas.

Entra Manuel Gaspar, vestido de toga e com o rosto inteiramente coberto de gaze e esparadrapo, de modo a que o público não o reconheça.

Gaspar — Senhores, despachemo-nos. Vou proceder à leitura do contrato.

Cancão — Um momento, Doutor Fragoso. Ali onde diz "sendo feito o casamento pelo regime etc.", nós queríamos que o senhor colocasse "pelo regime de comunhão de bens".

Gaspar — Mas meu caro Cancão, isso é feito pelo noivo, na sua presença!

Cancão — Doutor, a gente lhe dá oitocentos e cinquenta, pra isso.

Gaspar — Mas oitocentos e cinquenta, Canção? Está tudo tão caro!

Cancão — O que se arranjou foi isso, Doutor. O mais que se pode fazer é eu mesmo entrar na cota.

GASPAR — Ah, então faltava você! Quem não fala, Deus não ouve! Quanto significa isso?

Cancão — Oitenta.

GASPAR — Total?

Lúcia — Novecentos e trinta.

Gaspar — Vá lá. É pouco, mas como são hóspedes não quero desmoralizar a hospitalidade sertaneja. Cancão, queira servir de escrevente e colocar a palavra em questão.

Cancão — "Pelo regime... pelo regime... de comunhão de bens." Muito bem, agora só falta o noivo.

GASPAR — Chamo sua atenção para a outra parte do acordo.

Cancão — Que outra parte?

Susana — Os novecentos.

Gaspar — Os novecentos, não, os novecentos e trinta.

Cancão — Ah, é verdade, que distração a minha! Bem, o resto fica a cargo de vocês.

Gaspar — (Não se dominando.) Cancão, eu gostaria tanto que você ficasse!

Cancão — Não é possível que eu faça um casamento melhor do que um juiz!

Roberto — Você não fica?

Cancão — Vou buscar Frei Roque para ele convencer Dona Guida e fazer o religioso. Até já e felicidades. (Sai.)

Lúcia — Bem, se estamos nesse ponto, vá buscar o noivo, mamãe.

Sai SUSANA.

Roberto — Chegou a hora. Tanto lutamos por isso, mas quando chega o momento... Você vai casar e me esquecer.

Lúcia — Que é isso? Está triste? Por você eu faço tudo! Vá me procurar hoje à noite!

Roberto — Hoje, Lúcia?

Lúcia — Hoje, por que não? Acharei jeito de despachar aquele idiota.

Roberto — Mas Lúcia, Geraldo pode desconfiar!

Lúcia — Aquilo é uma besta!

Roberto — Está certo. Onde, então?

Lúcia — Aqui mesmo. Mando o marido para o quarto e venho. Está combinado?

Roberto — Está.

Entram Susana e Geraldo.

Gaspar — As partes estão presentes?

Geraldo — Estão.

Gaspar — Então vamos ao ato. "Eu, João Pinto Barbosa de Carvalho Falcão, escrivão do registro civil de casamentos, em virtude da lei etc., etc... certifico que a flis"...

LÚCIA — A flis?

Geraldo — É "a folhas", Doutor Fragoso.

GASPAR — Eu sei, eu sei. Não interrompam a suplência da autoridade. "Certifico que a folhas 144 verso, do livro número 36, foi feito hoje o assento do matrimônio"... Engraçado isso, assento do matrimônio. Não sabia que matrimônio tinha assento não, mas como está no livro, eu boto. "O assento do matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e"... E quem?

Lúcia — Lúcia Renata Pereira da Silveira.

GASPAR — Lúcia Renata Pereira da Silveira. Engraçado, isso.

Lúcia — Engraçado por quê?

Gaspar — É rimado, como verso. Mas se é assim, eu boto. "O assento do matrimônio de Geraldo Queirós da Mota Vilar e Lúcia Renata Pereira da Silveira, contraído"... Está, pode ser exagero, mas que é engraçado é. Contraído, casamento civil é feito febre tifo, contrai-se. Mas como está no livro, eu boto. "Contraído perante etc., etc., e sendo feito o casamento pelo regime de comunhão"...

Lúcia — (Abraçando Geraldo.) Meu bem!

Geraldo — Que é?

Lúcia — Estou tão emocionada!

Susana — (A GASPAR.) O acordo, idiota!

GASPAR — Hein? Ah, sim, foi a embalagem! Tudo está esclarecido. "Sendo feito o casamento pelo regime de separação de bens."

Geraldo — Mas minha filha, você fez questão mesmo?

Susana — Que desprendimento! É um anjo!

Gaspar — Queiram assinar todos. Noivo... Noiva... Primeira testemunha... Segunda testemunha... Senhores, meus parabéns a todos. (Abraça Geraldo e sai.)

Lúcia — E então? Que cara é essa? Não me beija, não me diz nada... Está triste com a coleira?

Geraldo — Nada, mas você há de ter notado que minha mãe não veio.

Lúcia — Cancão foi buscar Frei Roque e, com os conselhos dele, Tia Guida abranda. Olhe lá!

Entra Cancão, vindo do interior, empurrando a cadeira de \underline{Dona} Guida, vestido como Frei Roque, com barbas postiças e imitando seu sotaque.

Doma Guida — Quer dizer então que agora o senhor aderiu à safadeza?

Cancão — Não, Dona Guida, mas é preciso encarar a realidade. O negócio já está feito. A moça veio, é uma moça boa, ficou na casa do noivo, o povo pode falar. É uma coisa que São Francisco não gosta, nem São Francisco nem a Igreja Católica.

Dona Guida — E como é que você sabe que a moça é boa, Frei Roque?

Cancão — Cancão não me contou a história do casamento com separação de bens?

Dona Guida — Casamento com separação de bens? Que é isso?

Cancão — Essa moça que é boa! Para ninguém pensar que era interesse dela, quis casar com separação de bens. Coisa muito bonita, São Francisco gosta e a Igreja Católica também!

Dona Guida — Essa, eu só acredito vendo!

Geraldo — Pois veja, mamãe! O livro está ali!

Dona Guida — Não chamei você aqui! Frei Roque, leia o livro!

Aflição de Lúcia, Susana e Roberto.

Cancão — Pois não, é já!

Lúcia — *(Chorando, para evitar a leitura.)* Ah, Geraldo, até disso sua mãe desconfia!

Cancão — Pobrezinha! Dona Guida, francamente! São Francisco não gosta disso de jeito nenhum. Francamente! Você viu o livro, Geraldo?

Geraldo — Vi, Frei Roque, ouvi a leitura, tudo!

CANCÃO — (Pegando o livro, mas sem ler.) Olhe aí, está aí.

Dona Guida — Leu?

Cancão — E então? Separação de bens, está vendo? Geraldo ouviu tudo! Moça muito boazinha, muito desprendida! São Francisco gosta muito disso!

Dota Guida — Então eu estava enganada. Confesso que nunca esperei isso.

Geraldo — E concorda com o casamento?

Dota Guida — (A Cancão.) O senhor se responsabiliza?

Cancão — Pois não, sem nenhuma dúvida. Por mim e por São Francisco.

Dona Guida — Então vá lá!

Geraldo — Graças a Deus! Lúcia, venha cá, mamãe vai nos abençoar. (Ajoelham-se diante de Dona Guida.)

Dona Guida — (De mau humor.) Deus os abençoe.

Cancão — Ótimo, ótimo, vamos ao casamento, o sacristão chegou. (Entra Gaspar, vestido comumente.) Gaspar, venha me ajudar. (Entrega-lhe a corda, que trouxe na cintura, à guisa de cordão.) Isso aqui é o cordão de São Francisco. Meu casamento é feito pela Igreja de São Francisco, tudo na lei dele. Quem é a primeira testemunha?

ROBERTO — Eu.

Cancão — Você fica aqui, perto do sacristão.

Roberto — Pra quê?

Cancão — Para tomar parte no rito. Comigo é tudo do jeito que São Francisco fazia.

Roberto — Mas eu não sei fazer nada!

Cancão — Você não precisa fazer nada, o sacristão Gaspar se encarrega de tudo.

GASPAR — E para que é esse cordão, Frei Roque?

Cancão — Você fica aqui e cada vez que disser "Amém", dá uma lapadinha nas costas dele.

Roberto — Isso é ridículo!

Cancão — A lapadinha é pequena!

Roberto — Não me submeto de modo nenhum!

Cancão — Então não se faz o casamento! (Senta-se e cruza os braços.) Ou se faz como São Francisco mandava, ou não se faz de jeito nenhum!

Lúcia — Roberto, é somente uma formalidade.

Roberto — Então está certo. Mas isso demora?

Cancão — Não, é já. "Oremus. Propitiare, Domine, bero-bero, bero-bero, bero-bero, dura lex sed lex, Geraldus et Lucia, per omnia saecula saeculorum."

Gaspar — Amém.

 \underline{D} á uma lapada em $\underline{ROBERTO}$. O "bero-bero" é feito à vontade do ator, imitando um latim engrolado de sacristão, com pausas, suspiros, tudo disparado.

ROBERTO — Ai!

Gaspar — Eu dei devagar!

Cancão — Deve ter pegado de mau jeito. "Geraldus et Lucia bero-bero, bero-bero, bero-bero, per omnia saecula saeculorum."

Gaspar — Amém.

Roberto — Olhe como dá, idiota!

Gaspar — Que foi?

Roberto — Eu não fico mais aqui de jeito nenhum!

Cancão — Então não se faz o casamento! (Senta-se de novo.)

Susana — Roberto, fique!

Geraldo — Faça esse sacrifício por nós, companheiro. Frei Roque é cheio dessas coisas!

Roberto — Está bem. Ainda demora?

Cancão — É já. "Dominus vobiscum, bero-bero, bero-bero, bero-bero, Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum."

Gaspar — Amém.

Cancão — (Disparado, para não dar tempo a queixas.) Bero-bero, bero-bero, errare humanum est.

Gaspar — Amém.

Cancão — Dominus vobiscum.

Gaspar — Amém.

Cancão — Dura lex sed lex.

Gaspar — Amém.

Cancão — Geraldus et Lucia per omnia saecula saeculorum.

Gaspar — Amém, amém.

Roberto — Ai! Eu...

Cancão — Pronto, pronto! Terminou, estão casados.

Dona Guida — Já?

Cancão — Já. Padre que não despacha depressa nem sabe latim nem São Francisco gosta.

Doma Guida — E a prática? Casamento sem prática pra mim não vale.

Cancão — Não seja por isso, é já. Lúcia, Geraldo, sejam bonzinhos, tenham vergonha, pronto, São Francisco gosta, Deus também gosta, dá tudo certo. Até logo, sejam felizes.

Dona Guida — Pronto? É só isso?

Cancão — O resto é parapapá, eu não estou pra isso não! Vou buscar a bagagem que deixei no hotel de Dadá. Até amanhã. (Sai.)

Lúcia — Meu amor, estou tão emocionada...

Geraldo — Eu também, a cerimônia foi linda. Mamãe...

Dona Guida — Está certo, está certo. Felicidades, Deus os abençoe. Casaram, sejam felizes. E vamos à festa.

Susana — Guida, minha prima! Tão delicada! Você teve essa atenção com minha filha, amor?

Dota Guida — Com sua filha, não, amor, com meu filho, viu? Vamos.

Saem Geraldo, Lúcia, Roberto e Dona Guida.

Susana — Gaspar, querido Gaspar! Estou tão emocionada! (Abraça-o.)

Gaspar — Ai, ai, ai! Quais são suas intenções?

Susana — Você não está comovido não? Que coração de pedra! Eu devia ficar zangada, principalmente porque estou vendo as suas intenções muito bem. O que você quer é terminar aquilo que começou.

Gaspar — Dona Susana, eu não disse nada.

Susana — Ah, é assim? Além de maldoso, é hipocritazinho, hein? Pois, por castigo, eu concordo em terminar. Que acha?

Gaspar — Dona Susana, a essa altura dos acontecimentos, eu me entrego à minha sorte.

Susana — Vamos então aproveitar a escuridão. Quando todo mundo estiver deitado, venha cá. Eu deixarei a porta da frente encostada, com a luz assim, ninguém verá nada. Está bem?

Gaspar — Está ótimo.

Susana — Então até lá, ingrato, coração de pedra, bandido que assaltou meu coração.

GASPAR — Até lá, safada, alma de serrote, ladrona que roubou minha solidão!

Sai Susana. Cancão entra, vestido normalmente.

Cancão — Então? Tudo em paz?

Gaspar — Tudo em paz, ninguém desconfiou de nada.

Caucão — E o latim, como saiu?

Gaspar — Passou perfeitamente. Mas quando Frei Roque chegar, minha Nossa Senhora! E eu, ainda por cima, me meti noutra enrascada, Cancão.

Cancão — Que foi, homem de Deus?

Gaspar — Meti-me de novo com a velha e marquei um encontro com ela aqui. Ela vai deixar a porta aberta e eu venho.

Cancão — Mas como foi isso, homem?

GASPAR — Sei lá! Veio com um negócio de bandido, coração de pedra, não sei o quê, quando eu vi estava pegado.

Cancão — Pois quando você vier, eu venho também.

Gaspar — Não senhor! Que é que você tem com isso?

Cancão — É preciso abrir os olhos de Geraldo.

GASPAR — Está certo. Mas uma coisa eu lhe digo: não me atrapalhe! Dessa vez, eu vejo até onde aquela mulher vai. E tem uma coisa: vou até o fim e é com retrato ou sem retrato! (Saem.)

FIM DO SEGUNDO ATO.



Terceiro Ato

A mesma sala. Barulho de festa, fora. Ainda com a luz baixa: já anoiteceu completamente. Entram <u>Cancão</u>, <u>Gaspar</u> e <u>Roberto</u> <u>Flávio</u>.

Cancão — Você pode não ter ido com a cara dele, mas Frei Roque é um santo.

Roberto — Pode ser santo como for. Aguentei tudo calado por causa de Lúcia e do casamento, mas agora quero que ele me venha com essa Igreja de São Francisco pra ver uma coisa!

Cancão — Para conquistá-lo o negócio é elogiar a Igreja de São Francisco. Ele diz sempre que existem duas Igrejas: uma é a católica, dos católicos comuns, como eu e você.

Roberto — Como eu, não. Sou um espírito emancipado.

Cancão — Pois então como eu e Gaspar. Essa é a Igreja comum, dos católicos safados. A outra é a Igreja de São Francisco, a Igreja dos santos. Diz ele que somente esta é a que importa. Você devia ter arranjado para ele uma dessas cerimônias que a Igreja de São Francisco prestigia.

Roberto — E que interesse eu tenho de agradar aquele idiota?

Cancão — Ah, ele é prestigiadíssimo no Recife. É capelão das associações mais ricas de lá. Agrade Frei Roque e tudo quanto é gente importante do Recife fica louca por você.

Roberto — É mesmo?

Cancão — Por que você não arranja uma extrema-unção para ele? Os frades da Igreja de São Francisco têm uma verdadeira mania de dar extrema-unção, acham que não se deve esperar pela hora da morte para isso.

Roberto — E onde é que eu vou arranjar um defunto a essa hora?

Cancão — Aqui perto tem um rapaz que está com a passarinha meio estufada.

Roberto — Quem é?

Cancão — É um tal Severino Emiliano.

Roberto — Então vou ver. Contanto que ele não me venha mais com as cerimônias da Igreja dele. (Sai.)

GASPAR — Companheiro, socorro! Frei Roque vem ali e vem com a gotaserena!

Cancão — Não é possível, Gaspar, não deu tempo!

Gaspar — Tanto deu que ele vem! Ai!

Frei Roque entra como um furação e agarra Canção pela gola.

Frei Roque — Ah, você está aqui! Canção safado, Canção mentiroso!

GASPAR — A bênção, Frei Roque!

Frei Roque — Deus o abençoe! Cancão, eu pensava que você prestava, mas descobri que você é um cancão muito safado. E você vai me pagar!

Gaspar — A bênção, Frei Roque!

Frei Roque — Deus o abençoe, Gaspar! Vai me pagar para aprender quem são os filhos de São Francisco. Prepare a tábua do queixo!

Gaspar — A bênção, Frei Roque!

Frei Roque — Deus o abençoe, Gaspar! Ora pinoia, já abençoei mais de cem vezes!

Gaspar — E bênção só se pode dar uma vez, é?

Frei Roque — Não, mas não quero que você interrompa minha raiva!

Gaspar — Ah, e o senhor está com raiva?

Frei Roque — Estou, você não está vendo?

Cancão — Mas por que isso tudo?

Frei Roque — Você ainda pergunta, bandido, miserável, canalha, assassino dos filhos de São Francisco! Encontrei Severino Emiliano na estrada, ele está com mais saúde do que eu!

Cancão — E o que é que eu tenho com isso? Eu só fiz transmitir o recado que Roberto Flávio lhe mandou.

Frei Roque — Roberto Flávio!

Cancão — Bem que ele estava dizendo que ia fazer isso, mas eu nunca pensei que ele fosse capaz!

Frei Roque — Capaz de quê?

Cancão — De fazer uma perseguição dessa com os frades da Igreja Católica! Só porque ele pertence a outra igreja, acha-se com o direito de desrespeitar os frades da nossa!

Frei Roque — E ele pertence a outra igreja, é?

Cancão — Roberto Flávio faz parte de uma dessas igrejas que saem da Igreja Católica e ficam dizendo que ela é errada.

Frei Roque — Um herege, logo vi! Perseguindo assim os frades! Qual é a igreja dele?

Cancão — Diz ele que é a Igreja de São Francisco.

Frei Roque — Tem graça! E a Igreja de São Francisco não é a Igreja Católica?

Cancão — Diz ele que não. Roberto Flávio acha que São Francisco tinha verdadeiro horror à Igreja Católica!

Frei Roque — Vê-se logo a heresia desse bandido, desse mentiroso!

Cancão — Mas o que eu achei pior foi ele dizer: "Ah, Frei Roque diz que São Francisco era católico, é? Pois esse frade vai me pagar!"

Frei Roque, não foi? Pois ele agora vai ver quem é pobre de Frei Roque!

Cancão — Diz ele que o maior prazer que tem na vida é desmoralizar frade.

Frei Roque — Ah, ele diz isso, é? Gosta de desmoralizar frade, é? Esse Roberto Flávio, astucioso e ruim desse jeito, só pode ser o cão ou o secretário dele!

Cancão — E quando ele começa a insultar a Igreja?

Frei Roque — E ele insulta a Igreja, Canção?

Cancão — Ele disse aqui que a Igreja Católica era igreja de cabra safado!

Frei Roque — Ah, ele diz isso, é? É igreja de cabra safado, é? Onde é que anda esse camarada, hein, Canção?

Entra ROBERTO FLÁVIO.

Roberto — Frei Roque, prazer em vê-lo. Estava louco para encontrá-lo, tenho uma extrema-unção para o senhor fazer.

Frei Roque — Pode me dizer quem é o defunto?

Roberto — É um rapaz chamado Severino Emiliano.

Frei Roque — Severino Emiliano... (Acordando.) Ó rapaz, o que é que você acha da Igreja Católica?

Roberto — Aquilo é lá igreja! Igreja é a de São Francisco!

Frei Roque — Ah, e não é a mesma coisa não? A Igreja Católica não é a Igreja de São Francisco não?

Roberto — De modo nenhum. Uma é a igreja dos católicos safados, a outra é a dos santos.

Frei Roque — Ah, sim! Pode fazer o favor de dizer o seu nome, pra eu ter certeza?

Roberto Flávio, para servi-lo.

Frei Roque — Você vá servir ao diabo, viu? E tome! (Dá um soco em Roberto e ele desmaia.) Tome, para nunca mais dizer que a Igreja Católica é igreja de cabra safado, viu?

Gaspar — Danou-se! Vai dormir uma hora!

Frei Roque — Não tem nada não, depois acorda e pode servir de exemplo! Onde é o quarto dele?

Gaspar — Ali.

Frei Roque — Peguem o resto do herege e botem lá! Uma coisa eu garanto: insônia hoje ele não tem! (Põem Roberto num quarto.) Onde está Geraldo?

Cancão — Geraldo está meio adoentado, Frei Roque. Acho melhor não falar com ele hoje.

Frei Roque — Eu não falar com Geraldo? Tinha graça! Vou de qualquer jeito!

Cancão — Vá não, Frei Roque! Dona Guida também está doente!

Frei Roque — Cancão, aqui há alguma coisa! Toda vez que eu quero me aproximar de Geraldo ou Dona Guida hoje, aparece uma história. Vou saber o que é isso!

Cancão — Não! Por aí não, Frei Roque!

Frei Roque — Por aqui não por quê?

Cancão — (Munindo-se de um pau.) Olhe ali na janela que o senhor entenderá tudo!

Frei Roque — Na janela? Não estou vendo nada!

Cancão — Está não? Então, Deus me perdoe, mas é o jeito! (Dá uma paulada em Frei Roque, que desmaia.) Chegue aqui, Gaspar!

Gaspar — Eu não! Pode ser que ele ainda esteja vivo!

Cancão — Está, homem de Deus! Não está vendo que eu não ia matar Frei Roque?

Gaspar — Pois se ele está vivo, aí é que eu não vou!

Cancão — Ora bolas, não tem perigo não! Vamos amordaçá-lo! Isto! Baixe o capuz para cobrir a cara dele. Isto! Agora, vamos trancá-lo! (Põem Frei Roque amordaçado e amarrado dentro da mala ou guarda-roupa.) Agora tudo vai bem. A velha prometeu deixar a porta aberta?

Gaspar — Prometeu. Mas não vá atrapalhar minha vida não!

Cancão — Dessa vez você vai, deixe comigo!

Entram Dona Guida, Susana, Geraldo e Lúcia.

Dona Guida — Pronto, meu papel terminou. O quarto de vocês é aquele. Eu dormirei no de junto, Susana ali e o rapaz aqui. Amanhã, deixarei a casa.

Geraldo — Mas mamãe, a senhora fica morando conosco!

Dona Guida — Não, existem algumas coisas que é preciso enfrentar!

Geraldo — Tudo não foi feito como devia?

Doma Guida — Foi e Frei Roque garantiu tudo. Mas, mesmo assim, eu quero ir. Vou lhe dar a caderneta onde anoto as contas, tudo agora é seu. Fique com a maleta também.

Geraldo — Mas mamãe!

Susana — Receba, meu filho, sua mãe pode se ofender!

Dona Guida — Veja como esse anjo entende logo tudo! Assim é que se vive, meu filho. Tome e até amanhã.

Cancão — Nós também vamos saindo, Dona Guida.

Dona Guida — Adeus, ladrão. (Sai.)

Cancão — Dona Guida sempre com brincadeiras! Muito bem. Dona Lúcia, creio que me limpei completamente!

Lúcia — Minha gratidão será eterna!

Susana — Vocês não viram Roberto por aí não?

Cancão — Está dormindo! Disse que precisava descansar um pouco e foi para o quarto.

Lúcia — Ah!

GASPAR — Eu também vou chegando! Boa noite a todos!

Susana — A mim também?

Gaspar. — À senhora mais do que a todos! Boa noite! (Saem Cancão e Gaspar.)

Susana — Bem, creio que nós também devemo-nos recolher. (Falsamente emocionada.) Meus filhos!

Lúcia — Lá vem mamãe com o chororô dela!

Susana — Você logo saberá quanto sofre uma mãe! Mas não se incomodem, já tomei minhas providências para me consolar! Boa noite e... felicidades. (Sai. Geraldo abraça Lúcia.)

Geraldo — Meu amor!

Lúcia — Ah, é assim, hein? Mal fica comigo... Como são os homens! Enfim, eu o perdoo porque você me ama. Ou não?

Geraldo — Mais do que a tudo, meu bem!

Lúcia — Então vá me esperar em nosso quarto. Estou contente, contentíssima! Mas ao mesmo tempo, como é dolorosa a separação!

Geraldo — Estarei esperando por você!

Sai Lúcia para o interior da casa. Ela deve levar consigo o candeeiro. A cena subsequente deve se passar em escuridão quase completa. O encenador não tenha medo de escuro, as silhuetas e as falas bastam para identificar os personagens e em simples penumbra esta cena funciona muito mal. Geraldo entra no quarto. Imediatamente entra Susana e destranca a porta da rua, voltando para o seu quarto. Entram Cancão e Gaspar, aquele novamente vestido de frade.

Cancão — Gaspar!

Gaspar — Hein!

Cancão — Não estou vendo nada!

Gaspar — Nem eu! Mas uma coisa eu sei: o quarto da velha é aquele.

Cancão — O que deram a Geraldo foi esse, não foi?

Gaspar — Foi, mas Geraldo não interessa!

Cancão — Vamos verificar!

Gaspar — Vamos, não, vá você! Eu preciso ir lá dentro.

Cancão — Fazer o quê?

Gaspar — Tomar uma fresquinha, aqui está muito quente.

Cancão — Gaspar!

GASPAR — Vá se danar, eu quero é a velha! (Desaparece no interior da casa. CANCÃO bate no quarto de GERALDO.)

Cancão — Geraldo! Geraldo!

Geraldo — (Abrindo a porta e abraçando-o.) Meu amor!

Cancão — Epa, que negócio é esse? Vá pra lá!

Geraldo — Ingrata, cruel! Você não se envergonha de me tratar assim?

Cancão — Era o que faltava!

Geraldo — Que é isso? Você está de barba! Frei Roque! É o senhor?

Cancão — Claro! Pensava bem que era São Francisco!

Geraldo — Peço que me desculpe, mas não podia nunca esperar o senhor agora! Que há?

Cancão — Fale baixo. Não diga nada, depois eu explico tudo. Venha para cá e se esconda aqui comigo. Aqui. Venha, homem!

Geraldo — Mas Frei Roque, minha mulher...

Cancão — Sua mulher vem já. Abra os olhos e os ouvidos mas não diga nada, haja o que houver!

Escondem-se. Entra Susana.

Susana — Gaspar! Gaspar! Onde está você, coração de pedra?

GASPAR — (Voltando do interior.) Aqui, coração de aço! Agora pau dá embira e corda velha dá nó!

Susana — Pois venha que eu não suporto ficar mais na cama só!

GASPAR — Ah, a poesia! Nada como a poesia! (Pausas e risos sufocados.)

Susana — Gaspar, Gaspar! Deixe de ser mauzinho, malvado!

Gaspar — Malvada é você, tirana, bridão de meu peito, rabichola de meu coração!

Susana — Vem gente, corra! Esconda-se, que eu já volto. *(Correm. Entra Lúcia.)*

Lúcia — Roberto! Roberto!

Roberto — Au, au, au!

Lúcia — Ai, é meu cachorro! Onde está você, malvado?

Roberto — Aqui. Au, au, au!

Lúcia — Ai! Você está bem?

Roberto — Um pouco tonto, não sei o que aconteceu. E seu marido?

Lúcia — A essa hora, já deve estar dormindo, aquele palhaço!

Roberto — É palhaço, mas foi com ele que você casou.

Lúcia — Você sabe que tive meus motivos. Avalie se não arranjo esse idiota para financiar nós dois! Você ouviu um barulho?

Довелто — Não.

Lúcia — Parece que alguém se mexeu num desses quartos horríveis! Saia, eu volto já! Cuidado, parece que vem gente! (Correm. GASPAR entra, tateando.)

Gaspar — Amor, onde está você?

Roberto — (Também voltando.) Amor, é você?

Gaspar — Sou. Onde está você, coração de pedra?

Roberto — Aqui. Que rouquidão é essa? Está gripada?

Gaspar — Que gripado que nada! Você também está tão rouquinha, coração de lajedo!

Roberto — Au, au, au!

Gaspar — Ah, agora deu pra latir, hein? Deixe ver cá essa cachorra!

Roberto — Ai, não me faça cócegas! Au, au, au!

Gaspar — Menino, é direitinho a finada cachorra da molest'a!

 \underline{A} qui $\underline{C}_{\underline{A}\underline{N}C}\underline{A}\underline{O}$ liga o fio que tinha cortado e a cena se ilumina de repente. Os dois têm acabado de se beijar. Eles dão um enorme salto de surpresa.

Roberto e Gaspar — Ai!

Acorrem todos, Dona Guida, Susana e Lúcia. Geraldo, arrasado, sai do esconderijo, com Cancão.

Cancão — Muito bem, senhor Roberto Flávio! Pode explicar por que beijou Gaspar?

Gaspar — E eu sabia lá que era esse fantasma!

Cancão — Cale a boca, ouviu, Gaspar? Você é um safado, vai ter que explicar tudo direitinho depois. Mas agora quero saber é o seguinte: quem vocês pensavam que estavam beijando? Responda, senhor Roberto!

 $\underline{\underline{\mathcal{N}}}$ o lugar em que estiver trancado, $\underline{\underline{\mathsf{F}_{REl}}}$ $\underline{\underline{\mathsf{Roque}}}$ dá três pancadas furiosas e espaçadas, para chamar atenção. $\underline{\underline{\mathsf{Dona}}}$ $\underline{\underline{\mathsf{Guida}}}$ pensa que as batidas são na porta da rua.

Dona Guida — Estão batendo. Quem é?

Gaspar — (À meia-voz, para disfarçar.) Sou eu.

Dona Guida — Pode entrar.

Cancão — Como é, ninguém me responde? Quero saber que safadeza é essa! A mulher deixa o marido, os dois se beijam... Que é isso?

Novas pancadas de Frei Roque.

Dona Guida — Quem é?

Gaspar — Sou eu.

Dona Guida — Pode entrar!

Cancão — Preciso de uma resposta! São Francisco está muito desconfiado disso tudo! Fale, fale imediatamente!

Roberto — Fale imediatamente o quê? O senhor pensa que eu ainda estou disposto a suportá-lo? Um frade idiota, safado, cheio de maluquices! Já estou cheio de sua batina, sabe? E pergunto por minha vez: o que é que um frade faz aqui, a essa hora, espionando a vida dos outros? (Novas pancadas de Frei Roque.)

Dona Guida — Ora bolas, quem é?

Gaspar — Sou eu.

Dona Guida — Não já disse que pode entrar? Entre logo e deixe Frei Roque brigar descansado!

Susama — Mas por que tudo isso?

Cancão — Por quê? Porque assumi a responsabilidade do casamento de Geraldo e ele agora está desgraçado!

Dona Guida — Frei Roque, desgraçado está você, porque essa você me paga! Que foi que houve?

Cancão — Sua nora marcou encontro aqui, com esse vigarista, e a mãe dela outro, com Gaspar.

Lúcia — Ai, Geraldo, não deixe esse demônio me caluniar! Geraldo! Você não diz nada? Não posso acreditar que você desconfie de mim!

Geraldo — Eu também jamais acreditaria nisso, se me dissessem!

Lúcia — Mas você não está vendo que tudo isso é maluquice desse frade louco?

Geraldo — Como, se eu mesmo ouvi tudo daqui? Basta, Lúcia, é melhor não falar mais nisso! Só me lembro é de pobre de Cancão! Com que dureza eu o tratei porque ele queria me ajudar!

Cancão — Uma pessoa extraordinária daquela!

Geraldo — Ah, se eu o tivesse ouvido! Mas agora é tarde, casei-me no religioso e casei-me porque quis. Só posso esperar agora a vontade de Deus!

GASPAR — Que pelo jeito vem por aí!

 \underline{A} porta da mala abre-se com enorme violência e \underline{F}_{REI} \underline{R}_{OOUE} salta, furioso, para a sala. Ele vai investir contra alguém, mas para, estupefato, ao ver outro frade.

Cancão — Ó, Frei Marcelo, como vai? Estava aí?

Frei Roque — Uh, uh, uh! (Tenta contar por mímica a história da cacetada, anda por todos os cantos da sala, olha para baixo dos móveis à procura de Cancão.)

Dona Guida — Afinal de contas, quem é esse frade?

Cancão — É Frei Marcelo, gente boa! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE — Uh, uh, uh!

Dona Guida — Parece que ele está tentando apontar a boca.

Cancão — Usa essa mordaça como penitência! É uma pessoa muito piedosa, só gosta de viver amarrado, fazendo penitência! São Francisco gosta muito dele!

FREI ROQUE — (Negando com a cabeça.) Uh, uh, uh!

Cancão — Está vendo? É assim, só vive sem falar, é um frade muito virtuoso!

Dona Guida — Pode ser virtuoso como for, diga a ele que vá embora. Tenho horror a esses frades que se trancam na mala da gente!

Frei Roque — (Interrogando.) Uh, uh, uh? Uh, uh, uh?

Geraldo — Parece que ele está perguntando por alguém.

Cancão — Que nada, Frei Marcelo detesta procurar gente!

 \underline{D} e repente \underline{F}_{REI} \underline{R}_{OOUE} avista \underline{G}_{ASPAR} . Num repelão, consegue soltar as mãos e corre para ele, aberturando-o.

Gaspar — (Ajoelhando-se.) Ai, pelo amor de Deus, Frei Roque, não fui eu não! Não dê em mim não, Frei Roque! Cancão — E quem está dizendo que eu vou dar em você?

Frei Roque — Uh, uh, uh?

GASPAR — Foi Cancão, Frei Roque!

Free Roove — E uh, uh, uh, uh?

Gaspar — Onde está Canção?

FREI ROQUE — (Afirmando com a cabeça.) Uh! uh!

GASPAR — (Ajoelhado, com a mão cobrindo o rosto, aponta CANCÃO.) Ali!

Frei Rooue solta Gaspar, corre para Cancão, agarra-o e, na briga, arranca-lhe a barba.

Geraldo — Canção!

Susana — (Desmaiando.) Ai!

 $F_{\tt REI}$ Roque aponta a mordaça, $G_{\tt ERALDO}$ tira-a e baixa o capuz.

Geraldo — Frei Roque!

Cancão — (Fingindo desmaio.) Ai!

Frei Roque — (Sufocado de raiva.) Bandido, miserável, assassino da Igreja Católica e dos filhos de São Francisco, peste, diabo, danado, agora você me paga!

Geraldo — Calma, calma, Frei Roque!

Frei Roque — (Aos gritos.) Eu estou calmo! Eu estou calmo!

Doma Guida — E por que essa raiva toda de Canção?

Frei Roque — A senhora acha pouco, Dona Guida? Esse miserável me deu uma cacetada e me trancou na mala! Só para evitar que eu visse Geraldo depois que cheguei de Campina!

Geraldo — E o senhor não me viu?

Frei Roque — Eu? E esse peste deixou? Mas ele está acordando e vai ver quem é Frei Roque!

Cancão — (Fingindo desmaio de novo.) Ai!

Geraldo — Frei Roque, o senhor me desculpe, mas o senhor esteve comigo hoje.

FREI ROQUE — Eu?

Geraldo — Sim, e até fez meu casamento!

Frei Roque — Ai, e você casou, Geraldo? Meus parabéns, meu filho! Que coisa!

Geraldo — O senhor tem certeza de que não me casou?

Frei Roque — Certeza absoluta.

Geraldo — Mas então quem me casou?

Cancão — Eu! (Dá um grande salto e corre das garras de Frei Roque.) Frei Roque, peço-lhe uma trégua! Deixe eu falar e depois faça o que quiser!

Frei Roque — E eu tenho trégua para um safado que pega Frei Roque e dá uma cacetada na cabeça dele?

Cancão — O senhor vai me perdoar mas foi o jeito!

Frei Roque — Foi o jeito o quê? Que terra é essa em que os condenados pegam os filhos de São Francisco e metem o pau na cabeça deles?

Cancão — Eu precisava salvar Geraldo! Essa peste aí ia casar com ele no religioso e eu tive que impedir que a Igreja Católica se complicasse nessa bandalheira!

Lúcia — Não venha envolver a Igreja com suas molecagens não, viu, moleque ordinário?

Frei Roque — (Investindo de bucho nela.) Cale a boca, viu, mocinha? Minhas brigas são minhas, de São Francisco e da Igreja, ninguém mais se mete nelas, está ouvindo?

LÚCIA — O quê?

Frei Roque — O que o quê? Eu ouvi a molecagem toda dali da mala, viu? A safadeza de Cancão, a cacetada etc., é outra coisa, mas Geraldo livrou-se de boa, está ouvindo?

Dona Guida — Mas afinal de contas, que confusão é esta?

- GERALDO Foi Cancão que deu uma cacetada na cabeça de Frei Roque e trancou-o na mala, mamãe.
- Dona Guida Boa, Cancão, bem feito! É pouco, pra ele não estar dando conselho errado sobre o casamento de meu filho!
- Geraldo Mas não foi Frei Roque não, mamãe, foi Cancão. Foi Cancão quem fez o casamento... que agora... Que agora não vale! Mamãe, o casamento não vale não, mamãe!
- Lúcia O casamento religioso! Mas o civil vale, viu? E se é assim, filhinho, vamos cuidar do desquite. Metade do que seu pai deixou agora é meu.
- GERALDO A perda do dinheiro não interessa, seria um belo prêmio para você, que só pensa nisso. Mas diante do que vi, faço questão de tirá-lo, e lembro a você que nós casamos pelo regime de separação de bens.
- Lúcia Aí é que você se engana, amor! Com ajuda de Cancão, subornei o suplente Fragoso e ele colocou no livro "comunhão", em vez de "separação".

Dona Guida — Canção safado!

Cancão — Um momento, aí vem o suplente, rebocado. Com ele aqui, tudo se explica!

 $\underline{\underline{V}}$ olta $\underline{\underline{G}}$ ASPAR, vestido novamente como $\underline{\underline{F}}$ RAGOSO, arrastado pelo pescoço pelo juiz $\underline{\underline{N}}$ UNES.

Nunes — Meu caro Geraldo, aqui está esse criminoso, ele confessou o casamento que fez. Foi me esperar na chegada e me contou tudo. Esse

casamento foi realizado sem minha ordem, ele não tinha direito de receber as custas!

Lúcia — Mas o casamento feito por ele vale!

Nunes — Vale! Estou aqui somente para receber minha parte e dizer que não tomei parte na conspiração para casá-lo. Agora, quero saber: quem paga minhas custas? Você?

Geraldo — Eu não!

Nuxes — Então eu vou ficar sem minhas custas? Todo acordo comigo, menos esse, as custas do juiz são sagradas! E você, ladrão, me assassinar desse jeito pelas costas! Mas você me paga! (Agarra GASPAR.)

Gaspar — Doutor Nunes, eu sou um homem doente!

Nunes — Eu quero é que você morra, desgraçado! Tome, tome! (Caem as faixas.)

GERALDO — Gaspar!

Susana — (Desmaiando.) Ai!

Geraldo — Foi você quem me casou?

Gaspar — Foi.

Lúcia — (Desmaiando.) Ai!

Geraldo — E esse casamento assim vale, seu juiz?

Nunes — Não, não e não!

ROBERTO — (Desmaiando.) Ai!

Frei Roque — Para! Para, para tudo! Começa a explicar tudo de novo, que eu não estou entendendo mais nada! Que confusão é essa?

Dota Guida — Como foi que vocês descobriram o negócio do encontro?

GASPAR — Eu ouvi os dois combinando, quando estava aqui, vestido de juiz. Contei a Canção e a gente veio.

Geraldo — Canção, meu velho! Que devo fazer para você me perdoar?

Cancão — Me arranje aí sessenta paus. Isto. Dona Susana, aqui é o dinheiro da passagem de vocês. O caminhão de Joca Mota sai já pra Campina e, sem dinheiro, quanto mais cedo chegarem ao Recife, melhor!

Susana — (Digna.) Onde é que passa o caminhão?

Cancão — Na ponte! Senhor Roberto, aqui estão seus vinte. Dona Lúcia, aqui estão os seus.

Lúcia — Eu recebo! Mas um dia você me paga! Nós ainda nos encontraremos!

Cancão — Espero que seja junto de alguma cobra!

Lúcia — Roberto!

Roberto — Que é?

Lúcia — Você não sai comigo?

Roberto — Ah, vá se danar! Eu lhe disse que só interessava com o dinheiro!

Cancão — Deixem a briguinha para o caminho. Adeus e boa viagem para todos! (Saem Lúcia, Roberto e Susana.) Agora nós, Frei Roque. Nisso tudo, meu medo era ir para o inferno! O senhor acha que dá pra isso?

Frei Roque — Sei lá, Cancão, sei lá! Tem umas coisas certas, umas doidices... Mas uma coisa eu lhe digo: de outra vez escolha outro para dar suas cacetadas, viu? E me deixe, estou todo quebrado, preciso dormir.

Cancão — Pois vá, Frei Roque, vá na paz de Deus. Acorde cedo, porque preciso me confessar o mais depressa possível.

Dona Guida — Por causa da confusão?

Cancão — Não, por causa da cobra.

Frei Roque sai, empurrando a cadeira de Dona Guida.

Geraldo — Aqui estão suas custas, Doutor!

Nunes — Geraldo! Que coração generoso! Você é único! (Sai rapidamente dando uma meia-volta.)

GERALDO — O dia terminou! Que dia! Quem levou a paulada foi Frei Roque, mas quem está sentindo tudo sou eu. E as contas, as ambições, a mesquinharia... Estou me sentindo como se minha casa tivesse se transformado numa barraca de cigano. Estou me sentindo capaz de vender e trocar tudo!

Gaspar — Até a mulher?

Geraldo — Que mulher?

GASPAR — Essa que você arranjou e despachou num dia só. Troca a mulher também?

Geraldo — Troco. Dou por sua mãe e você me volta duas irmãs solteiras! Vamos?

Cancão — Vamos. (Os três se encaminham para o proscênio.)

Geraldo — Espectadores, o autor é um moralista incorrigível e gostaria de acentuar a moralidade de sua peça.

Cancão — Eu e Gaspar éramos amigos fiéis dele e isso não impediu que cobiçássemos seu dinheiro. E, ao primeiro apelo da carne, eu o traí com sua noiva. Isto é errado, foi o que aprendi.

Lúcia — (Entrando com Roberto e Susana.) Eu aprendi que a luxúria é um caminho de perdição.

Roberto — Eu, que a cobiça é outro.

Susama — Eu, através do ridículo e do castigo, aprendi a respeitar a pureza da família.

Frei Roque — (Entrando com Dona Guida.) Para elas o dinheiro tinha um caráter de prêmio, servindo como uma espécie de absolvição sacrílega para os atos mais baixos.

Nunes — (Entrando.) Eu fiz um juiz desonesto, e juntei-me aos outros, nesse concerto de imoralidade. Tudo isso forma um conjunto com o autor.

Dona Guida — Com os atores.

Gaspar — E até com o respeitável público.

GERALDO — Por isso lanço um olhar melancólico a nosso conjunto e convido todos a um apelo. É uma invocação humilde e confiante, a única que pode brotar sem hipocrisia desse pobre rebanho que é o nosso. E assim, juntando-me aos outros atores e ao autor, peço que digam comigo:

Todos — Que o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, tenha misericórdia de todos nós.

PANO.

Recife, 10 de junho de 1957. 26 de julho de 1957.

